

BIOGRAPHIA

DOS

BRASILEIROS DISTINTOS POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

NATURALIDADE DE DOM ANTONIO FILIPPE CAMARÃO

A verdadeira naturalidade do heróe indio das camponhas contra os hollandezes invasores de Pernambuco, D. Antonio Filippe Camarão, commandador dos Moinhos de Soure na ordem de christo, em Portugal, o governador e capitão geral de todos os indios no Brasil, foi para nós, durante alguns annos, objecto das mais serias duvidas e hesitações.

E' certo que Fr. Manoel Calado, testemunha de vista, na primeira parte (impressa) do seu *Valeroso Lucideno* nos dizia muito positivamente (pag. 164), que João Fernandes Vieira lhe escrevêra a elle Camarão, para Sergipe, dizendo-lhe que, pois havia nascido em Pernambuco, não deixasse de vir ajudal-o, etc.; e em outro lugar (pag. 334) parecia confirmar esta idéa em certo discurso que diz proferira Henrique Dias. Porém a tal carta de Vieira ora para nós suspeita, porque faz parte do systema de o suppôr iniciador da revolução pernambucana de 1645; systema provado de falso, e confirmado de tal pela confissão do proprio Vieira na carta que dirige ao soberano em 22 de Maio de 1671. Assim, n'este ponto, a autoridade de Calado nos merecia tão pouco conceito como os discursos, que elle dá como proferidos nas primeiras conferencias, entre o mesmo Vieira e André Vidal; e conforme aos quaes e de fé identica nos pareceu o que pôe na boca do heróe negro.

Porém sobretudo, o que mais nos movia a não acreditar

essas asserções de Caiado era o dizer elle mesmo, pouco adiante (pag. 163) d'aquella primeira, que o dito chefe indio, despejando suas aldeas, viéra a apresentar-se a Mathias de Albuquerque, trazendo comsigo todos os indios que lhe estavam sujeitos, os quaes, segundo accrescenta logo depois (pag. 169), eram *Pitiguares*. Se de facto fossem de nação *Pitiguar* (e por consequente do Rio-Grande do Norte) os taes indios, devia conjecturar-se que tambem a essa mesma nação pertenceria o chefe; e com maior razão quando outros dados vinham em apoio d'esta conjectura.

Com effeito, encontravamos em varios documentos antigos (e, se nos não engana a memoria, até em um dos mappas, ainda infelizmente ineditos, da *Razão do Estado do Brazil*, em 1612, pelo sargento-mór Ningo de Campos Moreno) que pelo Rio-Grande ou Potuengy achava, á margem direita estava assentada a *aldea do Camarão*. Tinhamos tanta certeza quanto se pôde obter da critica historica segunda melhor se verá pela 2.^a edição da *História Geral*, se a chegarmos a publicar), que n'essa aldeia estava alojado o capitão-mór da Parahyba Feliciano Coelho, quando Manoel Mascarenhas, capitão-mór de Pernambuco, havendo feito entrega do forte do Rio-Grande a Jeronymo de Albuquerque (depois Maranhão) para recolher-se a Pernambuco, ali foi pousar no primeiro dia da jornada.

Como porém, provar que este Camarão era o nosso herói? Que idade não teria quando morreu, para já haver sido principal uns 50 annos antes?

Estas duvidas cresciam, quando, por outro lado não faltavam argumentos que nos fariam inclinar a crer que D. Antonio Filippo havia nascido no Ceará; e que poderia ter havido engano no conceituarem-se os seus indios de *Pitiguares* em vez de *Tabajaras*.

Em favor do Ceará, tínhamos, ao parecer, um texto da *Jornada do Waranhão*, do dito Sargento-mór Diogo de Campos, declarando expressamente (ed. de 1812, pag. 24) que o Camarão era irmão do principal Jacaúna, (depois de haver-nos dito que este era grande amigo do fundador da capitania do Ceará, Martin Soares, a quem chamava filho, e a quem, com os seus índios do Jaguaribe, muitos serviços prestava. Assim devíamos supôr que sendo, como parecia, Jacaúna, o por conseguinte seus pais o a sua tribo, do Jaguaribe, também d'ali deveria ser o irmão. Para aceitar porém esta versão, nos occorria a mesma duvida que antes dissemos; isto é, se este Camarão do sangue de Jacaúna, era o nosso herói. E' verdade que Berredo parecia assim indicá-lo, chamando-lhe (§ 223) o *grande Camarão*, porém, não poderia Berredo, tantos annos depois, haver a este respeito padecido algum equivoço? Não poderia ter querido dar-lhe o epitheto de *grande* por serviços prestados antes, na colonização do Rio-Grande?

Em semelhantes irresoluções estávamos, e conforme com ellas, na a redacção da nossa primeira minuta da secção 28ª da *Historia Geral*, quando abrindo a *Chorographia Brasiliens*, na pag. 233 (1ª edição) do 2º vol., encontramos que Ayres de Casal, tratando da Villa Viçosa do Ceará, lhe consagra estas terminantes palavras:

« *E' patria de D. Antonio Philippo Camarão.* »

Em vista da semelhante asserção feita por um ecclesiastico da boa fé de Casal, que havia escripto o seu livro tendo á sua disposição no Rio de Janeiro os archivos das secretarias d'estado e muitas informações pedidas expressamente de cada capitania ou provincia, julgamos que a informação constaria directamente dos descendentes que ainda haveria em Villa Viçosa, e não vacillamos em admitir como preferíveis as fortes induções que se deviam tirar das palavras

do Diogo de Campos; e aceitámos a opinião pela qual Ayres do Casal se responsabilisára de um modo tão decisivo, e sem ter dado lugar a nenhuma reclamação ou protesto que conhecessemos, apesar de serem decorridos desde a publicação de sua obra quasi os mesmos annos que tinhamos de idade.

E, fiados em autoridade tão conhecida de um livro que anda nas mãos de todos os litteratos nem julgamos necessario cital-o. Atribuimos pois a manifesto engano a asserção de Colado, de serem *Pitiguares* os indios de D. Antonio Filippe, a não havorem estes ficado á sua obediencia desde a colonisação do Ceará. Ora, se o nosso heróe resultava filho do Ceará, não podia ter deixado de abalar d'ahi senão movido por Martin Soares Moreno, embora este chefe chegasse ao sitio do Recife um pouco mais tarde. Porém a verdade é só uma, o ten de ficar triumphante apenas apparece descoherida.

Hoje não temos duvida de asseverar que eram errados as informações que recebêra Casal, e que o grande Camarão não era filho do Ceará.

Longe de sentir-se o nosso amor proprio ao fazer esta rectificação, experimentamos n'isso um verdadeiro orgulho. Semelhante rectificação, e assim as outras que já temos feito, e muitas que, graças ao apparecimento de novos documentos e mais aturado estudo, faremos (se Deus nol-o permittir, na segunda edição que temos de todo preparada para o prelo da nossa *Historia Geral*) contribuirão mais a comprovar nossa boa fé, e a accusar a virgindade em que se achava ha poucos annos o campo da critica historica no nosso paiz. Assim tambem succedia, ainda n'este seculo, á historia da metropole, onde a vida litteraria do eminente critico João Pedro Ribeiro foi levada em uma série de rectificações successivas.

Voltando, porém, ao Camarão, temos um escriptor contemporaneo e que conheceu perfeitamente o herói indio, seu companheiro d'armas e que, se bem do menos letras que o autor do *Valeroso Lucideno*, é sem duvida de mais timo e conceito que elle, o qual vem decidir para nós de todo a questão.

Duarte d'Albuquerque, conde de Pernambuco, nas suas *Memorias Diarias*, ao principiar a tratar dos factos occorridos no anno de 1633, diz positivamente que D. Antonio Filippe Camarão era em pessoa *Indio Pitaguar*.

Este testemunho é concludente; e lança por terra quesequer tradições communicadas a Ayres do Casal; sobre tudo quanto apparece corroborado por Calado com o dizer que tambem eram *Pitiquares* os indios que lhe obedeciam, como aliás parecia natural que o fossem.

Se o herói Camarão fosse filho de Pernambuco o teriam chamado *Cariú*; se das serras d'Ibiapaba, *Tubojitru*, e se das planicies da costa do Ceará *Tremembé*. Chamando-o Duarte d'Albuquerque *Pitaguar* no-lo declarou positivamente do Rio-Grande do Norte.

Resolvida assim toda a duvida acerca da naturalidade do herói indio, inclinamo-nos a crer que era elle o proprio principal Camarão da aldeia do rio Potengy, que contribuiu para a fundação d'essa capitania, e que depois acompanhou o Jeronymo d'Albuquerque (Maranhão) até o Ceará; onde se deixou ficar, com seu irmão Jacúma, por achar-se mui cansado dos trabalhos da jornada e da viagem por mar.

Alguns outros factos vem em apoio d'este, para nós hoje de todo averiguado.

Quando, em 1625, estiveram os holandezes com 34 navios na bahia da Traição, no Rio-Grande, se lhes uniu, com sua mulher e filho, um indio, por nome Jaguary.

que era tio de D. Antonio Filippes (Mem. Diarias, 12 de Dezembro de 1633).— D'onde se pôde colligir que a tribo a que pertencia era *Pitiguar*, e por tanto do Rio-Grande toda a parentela.

Mais tarde encontramos um sobrinho de D. Antonio Filippe (o seu successor no governo dos indios D. Diogo Pinheiro Camarão) empenhando-se com predilecção por assumplos do Rio-Grande, e obtendo uma C. Regia (21 de Julho de 1672) para o governador do Brasil visconde de Barbacena, ordenando-lhe que nas capitães de *Pernambuco* não se propuzessem, para governar as aldeas d'indios, senão individuos das nações *Tabaçara* e *Pitiguar*, nascidos na capitania a que pertencesse a aldeia. D'este modo ficaram excluidos os de nação *Caiti*, e não houvera contribuido por certo para isso D. Diogo, se d'esta nacionalidade fosse oriundo.

Se admitimos que D. Antonio Filippe era o proprio Camarão da conquista do Rio-Grande e do Maranhão: cumpre tambem admitir que, quando falleceu, depois do meado de 1638, deveria ser pelo menos septuagenario; e que o principal Jacaína que mudára a sua aldeia, levando-a para junto da fortaleza de Martin Soares, era originariamente, não filho da Ceará, porém sim do Rio-Grande.

Concluiremos este pequeno trabalho fazendo duas perguntas aos que, melhor que nós, possam vir a estar no caso de resolvel-as.

1.ª

Não poderá encontrar-se no nome do rio *Pottery* (por ventura *Poty-gy*?) alguma derivação do de *Poty*, que era o verdadeiro nome indio do Camarão? — Do outro Mo-ri-

bixaba ou principal sabemos nós que deu seu nome ao rio que, com pequena adulteração ainda hoje se chama de *Sergipe*.

2.º

Em presença do facto que deitamos averiguado, podem julgar-se como sufficientes os discursos de Calado e do seu plagieador, na parte inedita, Fr. Raphael de Jesus, para conceituarmos de pernambucano o bravo mestre de campo Henrique Dias, governador de todos os soldados de cor no Brasil?

Onde existe a certidão do lugar em que nasceu, ou onde está este lugar declarado?

Não podia ter nascido nas Alagoas, então pertencentes á jurisdição de Pernambuco, quando o vemos por primeira vez recommendado na defesa de Porto-Caiço, e por conseguinte na do passo para as mesmas Alagoas?

Não poderia ser da gente que desde o principio veio em auxilio dos pernambucanos, da Bahia e da Paratyba?

Não poderia finalmente ser do Rio-Grande, quando vemos que o seu districto foi considerado como de Pernambuco por Calado, desde que fez dizer ao herde negro que a patria do Camarão era tambem a sua?

Tomos fê de que n'algum livro da antiga provecitoria da Bahia, consultado desde 1637 a 1643, poderá constar ao certo essa naturalidade, se da parte do Instituto se official n'esse sentido a algum de nossos consócios alli residente. O facto de estar morando Henrique Dias no Recife, quando falleceu em Junho de 1682 (provavelmente na noite de 7, visto que a 8 foram dadas as ordens para

o enterro) nada prova, pois era natural que, tanto elle, como a familia passassem a occupar as propriedades que, depois da guerra, ali lhe foram doadas.

Somos entusiastas de varios herdes nascidos na provincia de Pernambuco: temos a fortuna de contar por amigos, dos mais leaes que temos tido, não poucos pernambucanos: porém, se *amicus Plato*,

MAGIS AMICA VERITAS

Francisco Ad. de Varnhagem.

FIM DO TOMO XXX, PARTE PRIMEIRA.